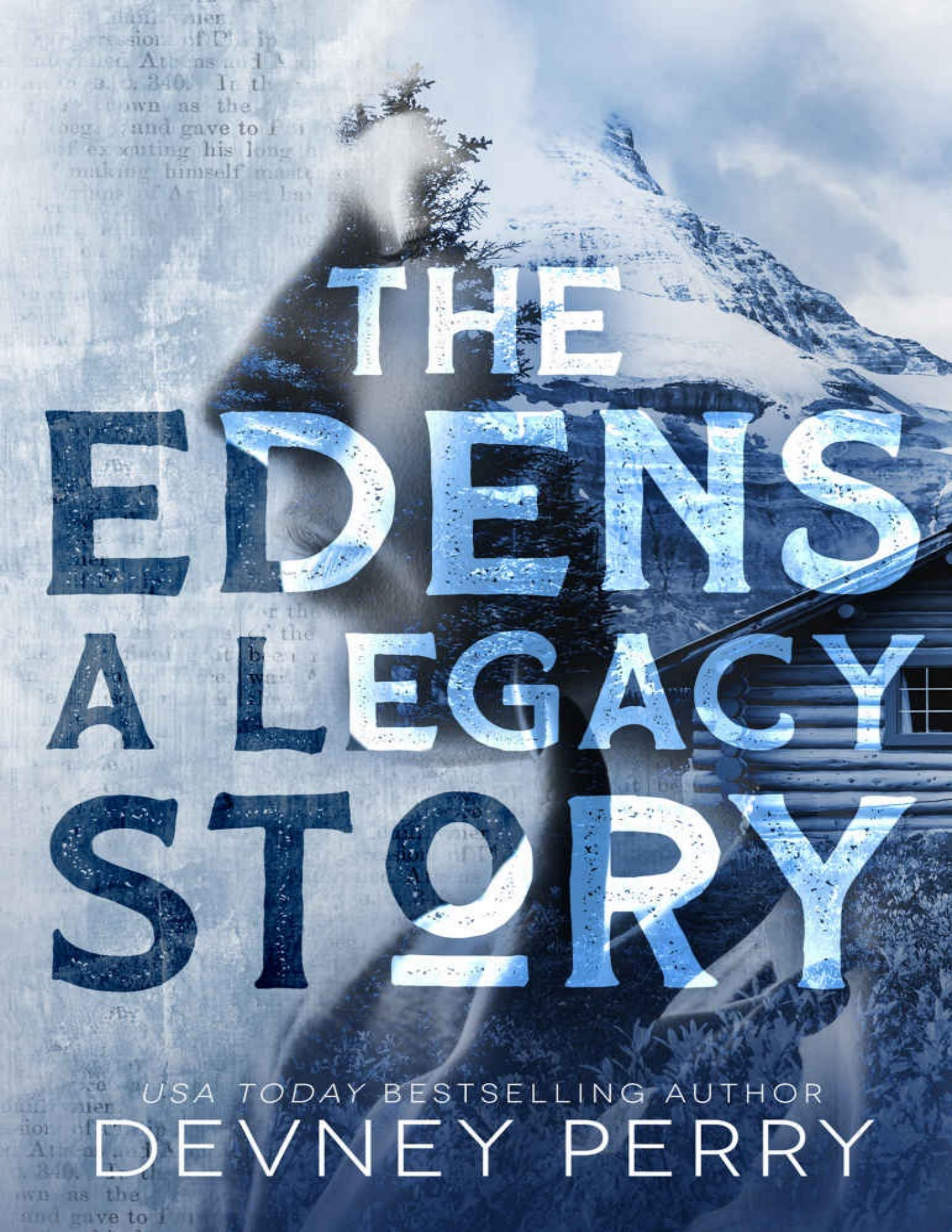
THE
EDENS
A LEGACY
STORY
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
DEVNEY PERRY

# THE EDENS – A LEGACY STORY

# SINOPSE

Anne Snow planejou entrar no Ano Novo de 1988 usando pijamas e assistindo a Unsolved Mysteries. Em vez disso, ela foi levada por seus amigos a um encontro de esqui cross- country em uma viagem para a cabana. Assim que chega, Anne percebe que não se trata de um desastre, mas de um pesadelo.

Harrison Eden, o cara que ela conseguiu evitar desde que terminaram o namoro no ensino médio, a recebe na porta. Infelizmente, nos últimos seis anos, ele só ficou mais bonito. E, aparentemente, ele ainda gosta de pressionar cada um de seus botões.

O plano de Anne é evita-lo a todo custo. Mas então ela descobre que seus amigos convidaram pessoas demais. Não há camas suficientes para que cada um tenha a sua. E adivinhe quem se ofereceu para ser seu colega de quarto no Ano Novo?

# CAPÍTULO UM

## ANNE

*Véspera de Ano Novo.*

Não é um feriado. De forma alguma. Mesmo assim, meus amigos insistiram para que comemorássemos. Que festejássemos o ano de 1988 com algo especial.

Aparentemente, algo especial significava uma estrada de cascalho escura, de duas pistas, no meio da natureza.

— Onde fica essa cabana? — murmurei para o retrovisor.

Amanda e Jessica haviam chegado às montanhas hoje cedo. Se elas estivessem me esperando, eu não deveria conseguir ver uma luz ou algo assim? Meus faróis iluminavam a trilha à minha frente, mas além do alcance deles, estava tudo escuro como breu. Uma noite tão escura que poderia engolir você inteiro.

Uma noite em que uma mulher sozinha poderia desaparecer e nunca mais ser vista.

Os pelos da minha nuca se arrepiaram enquanto minha caminhonete avançava em direção à linha das árvores.

— Ted Bundy está na cadeia. Controle-se, Anne.

Não havia nenhum assassino em série esperando por mim nesta floresta. O calafrio que percorria minha coluna não era nada mais do que o frio e minha imaginação correndo solta. Eu havia assistido a muitos episódios de Mistérios Não Resolvidos.

Talvez a véspera de Ano Novo não fosse um feriado de verdade, mas essa escapada de fim de semana seria divertida, certo? Uma chance de passar um tempo de qualidade com minhas duas melhores amigas do ensino médio.

Eu não tinha visto muito a Amanda e a Jessica nos últimos três anos e meio, desde que fui para a faculdade na Universidade de Montana. As duas ficaram em nossa cidade natal após a formatura e, com a escola e o trabalho, eu não ia a Quincy com frequência.

Mas este ano, eu queria passar mais tempo com meus pais na época do Natal. Assim, com o recesso escolar para as férias de inverno, tirei uma semana de folga do trabalho para aproveitar o feriado. Mamãe e eu estávamos fazendo compras no centro da cidade na véspera de Natal quando encontrei Amanda.

Tínhamos organizado uma noite de garotas no Willie's para tomar um drinque. Eu estava no meio do meu rum com Coca— Cola quando Jessica me disse que essa viagem era para mim. Um pouco zonza e perdida na memória

com minhas amigas mais antigas, eu concordei.

Se eu fosse sequestrada por um assassino em série, a culpa seria do Capitão Morgan.

— Merda, — resmunguei, inclinando— me para mais perto do volante enquanto minha caminhonete balançava na estrada esburacada.

Não havia nenhuma marca de pneu na neve. É verdade que estava nevando, mas se Amanda e Jessica tinham vindo por aqui, não deveria haver rastros?

Peguei as instruções de Jéssica, apertando os olhos para entender suas anotações, mas a caminhonete estava muito escuro, então acendi a luz acima da minha cabeça.

Dirija oito quilômetros.

A cabana é a primeira que você encontra.

Portão verde.

Verifiquei o cronômetro. Quando saí da rodovia, eu o havia zerado. Estava apenas em quatro. Será que a estrada continuava por mais um quilômetro?

As árvores estavam a poucos metros de distância, com a abertura entre seus troncos como mandíbulas, bem abertas. Engoli em seco, forçando— me a manter o pé no acelerador.

Quando saí de Quincy, há uma hora, as estrelas estavam com força total, espalhando brilhos no céu da tarde. A lua lançava um brilho prateado sobre as montanhas e os prados. Mas, em seguida, um grosso manto de nuvens se formou, bloqueando o céu e apagando qualquer luz.

Então a neve começou.. Essa deveria ter sido a minha dica para voltar atrás.

Flocos densos e pesados capturaram meus faróis enquanto se arrastavam pelo chão. Perfeitos para o esqui cross-country.

Eu odiava esqui cross-country.

A última coisa que eu queria fazer em minhas férias era exercício. Mas Amanda e Jessica tinham planejado toda a viagem, incluindo uma pista de esqui fácil. Então, em um esforço para participar, tirei meus esquis da garagem de mamãe e papai, soprei a poeira e os joguei na traseira da minha picape.

Mamãe achava que essa fuga seria boa para o meu coração. Que me daria uma chance de esquecer o Jeremy.

O vilão.

Isso é que foi um desperdício épico de um ano. Eu só queria ter sido a primeira a deixá-lo.

Sua explicação estava me irritando há semanas. Isso não está mais funcionando para mim. Que tipo de motivo para terminar um relacionamento de um ano era esse? Eu não merecia mais? Não merecia pelo menos ter minhas coisas devolvida?

Jeremy apareceu em meu apartamento no dia anterior às provas com uma

caixa de itens que eu havia deixado em sua casa. Um moletom. Um notebook. O walkman que ele havia pegado emprestado para suas caminhadas de ida e volta ao campus.

Só que o que ele esqueceu de trazer foram todas as minhas fitas cassete. Dez, para ser exato.

Dez fitas cassete, carregadas com minhas músicas favoritas. Dez fitas cassete, cada uma delas cuidadosamente copiada. Algumas eu tinha desde o ensino médio. Quanto tempo levei para criar essas fitas? Quantas horas fiquei sentada ao lado do meu toca-fitas, ouvindo o rádio e esperando para gravar quando a música perfeita tocasse? Incontáveis.

Ele havia roubado inúmeras horas, depois teve a ousadia de mentir e dizer que estavam em minha casa. Que eu as havia perdido.

Minhas mãos apertaram o volante enquanto meu lábio se curvava.

Eu sabia exatamente onde estavam aquelas dez fitas — na prateleira embaixo da TV dele, onde eu as havia deixado para que, enquanto estudávamos na sala de estar, pudéssemos ouvir música. Ele insistia que a prateleira estava vazia. Discutimos sobre isso por cinco minutos até que ele foi embora.

As únicas fitas que me restavam eram as que eu tinha guardado na minha caminhonete. Dolly Parton. George Jones. E uma da minha mãe, Amy Grant.

Jeremy tinha até guardado minha fita do Heart. Ele odiava Heart.

— Idiota, — murmurei.

O rádio estava estalando, o sinal entrava e saía. A única recepção decente tão perto das montanhas seria em um canal AM, mas eu não estava com vontade de ouvir músicas antigas. O canal de notícias que eu tinha ligado antes estava reproduzindo um trecho do último discurso do Presidente Reagan. Em seguida, eles se aprofundaram em uma reportagem sobre as próximas Olimpíadas de Inverno que seriam realizadas em Calgary em fevereiro.

Se eu fosse ser emboscada por um assassino em série, preferia morrer em silêncio, então desliguei o rádio completamente.

A cada segundo que passava, a neve parecia cair mais forte. Mais rápida. Ela rangia sob meus pneus. As palhetas do meu limpador de para— brisa se moviam de um lado para o outro, e meus ombros se curvavam cada vez mais em direção ao volante.

Não fique preso, sussurrei para meu Chevy Silverado 1982. Ele era branco e, se eu ficasse soterrada, ninguém me encontraria até muito tempo depois de eu ter me tornado um picolé humano.

As árvores se erguiam acima de mim. A estrada se estreitava. Onde diabos ficava essa cabana? Meu estômago se revirou, os nós dos dedos ficaram brancos enquanto eu olhava para frente, na escuridão total.

O cronômetro girou. Cinco quilômetros.

E nenhuma cabana à vista.

— Esqueça essa viagem. — Examinei a floresta em busca de um lugar para dar meia— volta, mas ao passar por uma árvore, um lampejo de luz chamou minha atenção.

Meu corpo inteiro cedeu quando um portão verde apareceu. Depois veio a cabana. — Oh, graças a Deus.

Um brilho dourado saía de suas janelas. O rosto de Amanda estava encostado no vidro, olhando para fora com as mãos sobre os olhos. Quando reconheceu minha caminhonete, ela sorriu e acenou loucamente.

Eu sorri, mais de alívio do que de alegria, e estacionei ao lado de sua picape Ford de dois tons. Esticando— me no banco do carona, peguei minha mochila, bolsa e casaco e abri a porta. Meus joelhos tremeram, nervosos por causa da viagem, e no momento em que minhas botas chegaram à neve, Amanda estava lá, com os braços bem abertos.

— Finalmente você está aqui! — gritou ela, puxando— me para um abraço. — Como foi a viagem?

— Longa, — respirei, soltando— a para fechar a porta da caminhonete. Os esquis ficariam na parte de trás, enterrados sob a neve e esquecidos, por mais que eu me importasse.

— Você deveria ter vindo conosco, — disse ela, abrindo caminho até a cabana.

— Eu sei. — Mas eu precisava sair no domingo de manhã para ir para casa, fazer as malas e voltar para Missoula para o meu último semestre. Não queria apressá-los a voltar para casa.

— Você está com fome?

— Estou faminta, — respondi, seguindo-a até a cabana e pisando minhas botas no tapete. O cheiro de fogo de lenha, tomates e alho encheu meu nariz. Meu estômago roncou.

— Christopher fez seu famoso ensopado e pão de milho.

Espere. O Christopher estava aqui? — Oh. Eu, hum... Não sabia que ele estava vindo.

O som de vozes masculinas vinha do lado de fora da entrada da cabana enquanto eu pendurava meu casaco e minha bolsa em um gancho.

Quando Amanda e Jessica me convidaram, achei que seríamos apenas nós, as garotas. Mas eu deveria saber que os namorados delas também estariam aqui. Amanda e Christopher eram namorados do ensino médio. Assim como Jessica e Matthew.

O que fazia de mim a quinta roda. Que maravilha.

Se eu saísse agora, conseguiria chegar em casa antes da meia— noite?

Não. Não, não chegaria. E esta noite, eu preferia ser a figurante do que estar

sozinha em uma estrada escura.

Passos ressoaram no assoalho de madeira, então Jessica passou voando por Amanda, me abraçando. — Você está aqui! Finalmente. Oi.

— Oi. — Eu a abracei de volta.

— Eu estava começando a ficar preocupada quando você demorou tanto, — disse ela. — Você não se perdeu, não é? Minhas instruções estavam corretas?

— Foram perfeitas. — Assenti com a cabeça, deixando— a livre. — Mas começou a nevar, então vim devagar.

Olhei para além dela e vi Matthew e Christopher, ambos com uma garrafa de cerveja na mão. — Oi, pessoal.

Jantar. Uma cerveja. E cama. O bom de ser a quinta— roda era que ninguém perceberia quando eu saísse mais cedo para dormir.

— Oi, Anne, — disse Christopher.

Matthew ergueu o queixo. — Que bom que você conseguiu chegar.

— Amanda estava ficando tão nervosa que estava prestes a me mandar procurar você. — Uma voz profunda e grave veio da cozinha.

Meu estômago se contraiu.

Eu conhecia aquela voz. Ela havia se tornado mais grave desde a última vez que a ouvira, mas eu conhecia aquela voz. Houve um tempo em que eu amava aquela voz.

Não. Não, isso não podia estar acontecendo.

Meu olhar se dirigiu para Amanda.

Ela teve a decência de parecer culpada.

Depois, Harrison Eden ocupou o espaço ao lado de Christopher e me cumprimentou com sua própria cerveja. — Oi, Anne.

Minha boca se abriu. Fechou. Abriu. Fechou. Pisquei, tirando os olhos do rosto irritantemente bonito de Harrison para mirá-los em Jessica. — O que ele está fazendo aqui?

Minhas amigas se entreolharam. Então Jess levantou um ombro. — Hum.... Feliz véspera de Ano Novo?

Véspera de Ano Novo. O pior não feriado de todos os tempos.

# CAPÍTULO DOIS

# HARRISON

Anne Snow.

Já fazia muito tempo.

Ela ficou surpresa ao me ver. E irritada também. Ela nunca foi muito boa em disfarçar suas feições quando estava brava.

Suas bochechas estavam coradas de um belo rosa, o mesmo tom de seus lábios. Seus olhos azuis brilhantes se arregalaram. Mas essa raiva só a tornava mais impressionante. Uma olhada e meu peito se apertou.

Não havia muitas mulheres que fossem tão bonitas que dificultassem a respiração.

Um homem melhor teria desistido dessa viagem quando soube que sua ex—namorada viria junto. Um homem melhor teria deixado que ela aproveitasse o fim de semana com seus amigos. Só que eu não era um homem melhor. E já havia passado muito tempo.

— Quanto tempo se passou? Cinco anos? — perguntei.

Suas narinas se dilataram. — Seis.

— Seis. Huh. — Tomei um gole de minha cerveja. — Se você está contando, isso significa que sentiu minha falta?

O olhar de Anne se voltou para onde meus bastões de esqui estavam apoiados na parede ao lado dos meus esquis na entrada. Ela olhou para a ponta de metal como se fosse a arma perfeita. — Minha mira é muito melhor em distâncias curtas.

— Christopher. — Amanda colocou o braço em volta dos ombros de Anne enquanto Jessica pegava sua mochila, colocando-a de lado. — Anne está morrendo de fome.

— É para já. — Ele girou em um salto e desapareceu na cozinha, onde o barulho de um prato e uma tigela ecoou.

Amanda passou com Anne por mim e por Matthew, agindo como um amortecedor no caminho deles para a cozinha.

— Talvez eu devesse tê-la avisado. — Os ombros de Jessica caíram. — Ops.

— Vai ficar tudo bem, — eu disse, levando minha cerveja aos lábios para dar mais um gole.

Essa animosidade entre nós já havia durado muito tempo. Já haviam se passado seis anos. Não estávamos mais no ensino médio. Não éramos mais adolescentes. Poderíamos ser civilizados por um fim de semana, certo?

Matthew puxou Jessica para o seu lado, inclinando— se para beijar seus cabelos ruivos e, em seguida, conduziu o caminho para a sala de estar, onde estávamos conversando nas últimas horas, esperando a chegada de Anne.

O fogo que havíamos acendido mais cedo estava crepitando na lareira, suas

chamas mantinham a cabana de madeira quentinha. Antes de Anne chegar, eu estava sentado em uma das quatro cadeiras de couro que circundavam a mesa de centro. Mas quando ela se sentou à mesa de jantar, com um prato, uma tigela e uma cerveja, eu puxei uma cadeira ao lado da dela.

Ela me olhou de relance enquanto comia seu primeiro pedaço de ensopado.

— Oi, querida.

— Não me chame de querida. — Ela apontou a colher para o meu nariz.

Eu lutei contra um sorriso. — Você costumava gostar disso.

— Eu também gostava de você. Os tempos mudam. — Ela enfiou outra colher na boca, olhando pelas janelas para onde a neve caía do céu.

— Como você tem passado?

Ela engoliu, tomou um gole e depois comeu outra colherada.

— Isso é ótimo, — eu disse, fingindo que ela havia respondido. — Eu também tenho estado bem. Ocupado. Trabalhando no rancho. Está quase na hora de começar a parir, por isso vou passar algumas noites longas.

Anne piscou, depois cortou um pedaço de pão de milho amarelo, coberto de manteiga derretida e mel.

— Anne, você quer champanhe? — Amanda apareceu na mesa, sacudindo o queixo para que eu fosse para a sala de estar, mas eu apenas sorri e me acomodei mais em minha cadeira. Ela arregalou os olhos, depois levantou a garrafa de champanhe.

— Oh, não, obrigada. Estou bem, — disse Anne. — Acho que vou me limitar à cerveja.

Uma lembrança surgiu em minha mente, uma noite de verão na qual eu não pensava há muito tempo.

Anne e eu na cabine da minha picape, dirigindo pelas estradas de terra do rancho. Ela se sentou no meio para que eu pudesse colocar meu braço ao redor de seus ombros. Sua mão estava apoiada em minha coxa. E no assoalho havia um pacote de seis cervejas para bebermos enquanto acampávamos.

É verdade que nenhum de nós tinha idade suficiente para beber legalmente. Os pais dela acharam que ela estava passando o fim de semana com a Amanda. Os meus acharam que eu estava acampando com os rapazes.

Anne e eu só tínhamos feito algumas dessas viagens de acampamento, junto com nossa cerveja barata que eu havia implorado a um dos funcionários do rancho para me comprar. Então, antes de chegarmos a outro verão, Anne me deixou.

Sem nenhum motivo.

— Então, você ficou sabendo do que aconteceu com Johnny Wells? — perguntou Amanda, ocupando a cadeira ao lado de Anne.

— Não, o quê? — Anne se mexeu em sua cadeira, dando-me a parte de trás de sua cabeça. As pontas de seu cabelo escuro e sedoso faziam cócegas em sua cintura.

Ele estava pelo menos 15 centímetros mais comprido do que na época do ensino médio. Seu rosto também havia mudado, amadurecido. Um rosto de mulher. E o corpo de uma mulher, esbelto, com curvas nos lugares certos.

Jessica se juntou a nós na mesa, dando-me o mesmo olhar para desaparecer. E, dessa vez, eu obedeci, levantando-me da cadeira para me juntar aos rapazes na sala de estar. Principalmente porque haveria tempo para importunar Anne mais tarde.

— Esta é uma ótima cabana, — eu disse a Matthew.

Era do avô dele, construída nos anos sessenta. Remota, mas tinha tudo o que era necessário. Eletricidade. Água corrente. Encanamento interno.

— Obrigado, — disse ele. — Atualmente, ele não passa muito tempo aqui no inverno. Ele gosta de ficar mais perto da cidade.

— Que sorte a nossa, — disse Christopher. — Estou feliz por estar fora da cidade por um fim de semana.

— Eu também, — disse Matthew. — Mas eu gostaria que ele tivesse uma TV. Seria ótimo assistir a um jogo. Há anos venho implorando para que ele compre uma, mas ele gosta de vir para cá e se desconectar. Ler.

Eu, por exemplo, não me importava com uma televisão. Raramente a assistia em casa, pois estava muito ocupado trabalhando e, esta noite, havia outro objeto que havia capturado meu interesse.

Anne bocejou à mesa, cobrindo— a com as costas da mão, enquanto Amanda e Jessica continuavam conversando, contando— lhe as últimas fofocas de Quincy. Na maioria das vezes, elas falavam sobre seus ex— colegas de classe. Quem estava casado. Quem já estava divorciado. Quem estava bebendo demais e quem havia passado algumas noites na cadeia.

Pessoalmente, eu não me importava muito com os boatos. A não ser que envolvesse a mim, minha família ou um de nossos negócios, eu não ligava. E pela aparência dos olhos caídos de Anne, seu segundo, terceiro e quarto bocejo, ela também não se importava muito.

— Quer outra cerveja? — perguntou Christopher.

Desviei meus olhos de Anne, olhando para minha garrafa. — Sim. Claro.

— Vou colocar mais uma lenha no fogo, — disse Matthew, indo até a lareira.

Anne bocejou novamente, dessa vez arriscando um olhar para a sala de estar enquanto o cobria com a mão. Quando ela encontrou meu olhar fixo, ela olhou para mim.

Eu dei uma risadinha.

Ela sempre teve espírito, mesmo quando estava no segundo ano e eu no último da Quincy High. Nada em mim jamais intimidou Anne. Era sexy como o inferno. Na época. Agora.

— Estou tão cansada, — disse ela às garotas. — Vocês ficariam irritadas se eu fosse para a cama mais cedo?

Antes que elas pudessem responder, Anne se levantou da mesa, levando a tigela e o prato vazios para a pia. Antes que elas pudessem responder, Anne se levantou da mesa, levando a tigela e o prato vazios para a pia. Ela os lavou rapidamente, colocando— os para secar na prateleira sobre o balcão, depois foi em direção à porta, desaparecendo por um momento antes de voltar com sua mochila.

Mas o que ela não viu enquanto estava limpando tudo foi o olhar compartilhado entre Amanda e Jessica.

Um olhar de que Anne não gostaria.

— Você não pode ir para a cama ainda, — disse Jess, levantando— se. — Você acabou de chegar.

— Mas temos o fim de semana inteiro, certo? — Anne soltou um longo suspiro. — Essa viagem me tirou do sério. Prometo que amanhã de manhã estarei como nova. Apenas me indique a direção do meu travesseiro.

Os olhos de Amanda se voltaram para os de Jessica. Em seguida, ambas olharam para Matthew, que havia terminado de acender o fogo e estava de volta à sua cadeira ao meu lado.

Ele limpou a voz e se levantou. — Sim, esta cabana costumava ter quatro quartos. Não venho aqui desde o verão. Acho que durante a temporada de caça neste outono, o vovô decidiu pegar um desses quartos e convertê-lo em um quarto de organização.

— Ok, — disse Anne, dando uma olhada na sala de estar. Ela piscou duas vezes, como se estivesse percebendo que não havia sofás.

Aparentemente, o avô de Matthew preferia cadeiras.

— Nós, hum, meio que temos que... dividir, — disse Jess.

— Dividir? — Anne repetiu.

— Eu sei que é uma droga. Mas ficamos com os quartos menores, — disse Amanda. — Eles só têm camas de tamanho normal. Aquele ali tem uma queen. — Ela apontou para a porta aberta de um quarto que dava para a sala de estar.

Quando chegamos e eu fui levar minha mala para o quarto de hóspedes, apenas para encontrar cartuchos de espingarda vazios espalhados sobre uma mesa, percebemos que haveria um problema.

— Espere. — Anne ergueu a mão, olhando entre as amigas antes de olhar para mim.

Dei de ombros. — Prometo não roncar.

Seu queixo caiu, depois ela a fechou com um clique audível, antes de balançar a cabeça. — Não.

— Vamos lá, Anne, — eu disse. — Não é tão importante assim.

Seus olhos passaram por mim, em direção ao quarto.

O pensamento que passou por sua mente poderia muito bem ter sido escrito em sua testa.

Ela saiu, correndo pela sala de estar.

— Merda. — Fui arremessado sobre minha cadeira, quase a derrubando e tropeçando em mim mesmo, mas consegui aterrissar, com minhas meias deslizando no piso de madeira.

Eu estava mais perto do quarto. Não muito, mas mais perto.

Chegamos ao batente da porta exatamente ao mesmo tempo, ambos tentando se espremer pela abertura. Só que nossos corpos se chocaram, prendendo-nos juntos na soleira.

O cotovelo dela se cravou em meu estômago.

— Ai. Você esteve aprimorando isso?

— Durma no chão. — Ela cerrou os dentes, tentando entrar, mas eu a envolvi com meus braços, segurando-a.

No momento em que ela entrasse naquele quarto, ela bateria a porta na minha cara e giraria a fechadura.

— Não vou dormir nessa cama com você, — ela gritou.

— Não vou dormir no chão. — Quer dizer, eu dormiria se fosse necessário. Mas esses pisos eram sólidos como pedra. Nada de madeiras macias para o avô de Matthew, em vez disso, ele havia construído com carvalho de corte bruto.

— Me solte. — Ela se debateu, puxando meus braços. Então, com um longo passo, ela estava no quarto.

Eu estava logo atrás dela.

— Saia, Harrison.

Franzi a testa. — Não é como se eu nunca tivesse visto você nua antes.

Coisa errada de se dizer. Percebi isso um momento tarde demais.

A bolsa de Anne balançou no ar e me acertou no rosto. — Saia. Cai fora.

— Por que isso é importante? — Joguei uma mão em direção à cama. — Você vai ficar do seu lado. Eu ficarei do meu. Não precisamos nem conversar. A menos que você queira finalmente me explicar por que me abandonou no ensino médio.

Nunca, nem uma vez, ela me deu um motivo. Ela simplesmente terminou tudo. Sem aviso prévio. Em um dia, eu a estava levando para um encontro. No dia seguinte, tínhamos terminado.

Até hoje, eu não tinha ideia do motivo. Ela nem sequer explicou isso para Amanda ou Jessica.

O olhar de Anne se voltou para a parede, com o queixo cerrada.

— Vou fazer um acordo com você. — Um sorriso presunçoso se estendeu pelo meu rosto. Talvez eu pudesse fazer isso funcionar a meu favor, afinal de contas. Pelo menos, fazer valer a pena a dor nas costas causada por uma noite de merda no chão. — Diga-me por que terminou tudo no ensino médio. E você pode ficar com a cama só para você.

— Eu não lhe devo uma explicação, — ela respondeu. — Você sabe o que fez.

— Não, não sei. — Eu não tinha a menor ideia. Mas eu tinha feito alguma coisa. E ela parecia querer usar isso contra mim para o resto da minha vida.

Tínhamos namorado por um ano. Eu não merecia uma explicação? Bem, talvez uma noite na mesma cama a encorajasse a contar.

Caminhei até minha bolsa que havia deixado no colchão mais cedo. Depois, fingi um bocejo. — Você sabe? Também estou muito cansado. Acho que vou me deitar.

— Harrison, — ela avisou.

Respondi desabotoando minha camisa. Os fechos de botão se soltaram, do colarinho à manga.

— O que vai ser, querida? — Arqueei uma sobrancelha. — Conversar? Ou um carinho?

O lábio de Anne se curvou. — Tudo bem.

Por um momento, pensei que ela realmente falaria. Finalmente, depois de seis anos, eu saberia por que ela havia **partido meu** coração.

Só que ela não abriu a boca. Deixou a bolsa cair no chão e a abriu, tirando uma camiseta. Em seguida, ficou de pé e apontou um dedo para o meu nariz. — Se você roncar, vou sufoca-lo com meu travesseiro enquanto dorme.

# CAPÍTULO TRÊS

## ANNE

Meus amigos estavam se divertindo. Eles estavam se divertindo por horas além da porta fechada do quarto enquanto eu tentava dormir — sem sucesso.

Como minha tentativa de descansar tinha sido inútil, eu tinha recorrido a olhar para o teto escuro, ouvindo— os rir e conversar, enquanto temia o retorno de Harrison.

Depois de nossa discussão, ele ficou com receio de sair do quarto, sabendo que eu o trancaria para fora. Então, ele ameaçou arrancar a porta de suas dobradiças. Estávamos no meio de um confronto quando Amanda finalmente interveio, fazendo o papel de mediadora.

Nem Harrison nem eu queríamos dormir no chão, então chegamos a um acordo.

Limitaríamos as horas de compartilhamento dessa cama estúpida.

O Harrison me deixaria sozinha até a meia-noite. E como eu acordava cedo, eu sairia daqui às cinco.

Eu deveria estar na terra dos sonhos. Deveria estar aproveitando minhas horas solitárias no colchão. Só que eu não conseguia dormir, não só por causa do barulho na sala de estar, mas também por causa do barulho na minha cabeça.

Quando eu terminei com o Harrison no ensino médio, ele fingiu que não fazia ideia do motivo. Como se as palavras que ele dissera e que esmagaram totalmente meu coração de dezesseis anos tivessem saído da boca de outra pessoa.

Eu não tinha acreditado em sua atuação sem noção, nem por um segundo. Nem mesmo Harrison Eden conseguiu se safar de tudo.

Os Edens eram da realeza de Quincy. Sua família havia fundado a cidade há gerações. Não era possível passar pela Main Street sem ver pelo menos um de seus parentes. O nome Eden estava estampado — ou escrito — em inúmeras lojas.

Talvez o motivo pelo qual Harrison nunca teve falta de confiança tenha sido o fato de ele e sua família serem tão conhecidos. Ou talvez isso tenha sido natural para ele.

Independentemente da causa, as pessoas eram atraídas por ele. Ele era o sol e elas eram planetas, circulando alegremente em sua órbita.

Quando ele me convidou para sair naquele primeiro encontro, foi o — sim—

mais fácil da minha vida. Quem não gostaria de namorar o cara mais popular e bonito da escola? Ser a garota em seus braços, desfrutando de sua confiança e carisma?

Harrison tinha sido capitão dos times de futebol e basquete. Era um aluno exemplar. Ele até tocava violão, levando— o sempre que íamos acampar para tocar uma música ao lado da fogueira.

Meus motivos para concordar com aquele primeiro encontro foram, reconhecidamente, superficiais. Mas foi sua risada fácil e seu raciocínio rápido que me encantaram todos aqueles anos atrás. Seu humor brincalhão. Seu lado doce.

Eu havia me apaixonado por Harrison Eden.

Eu tinha sido enganada pelo Harrison Eden.

A menos que...

Eu estava errada? Quando ele ficou tão chocado por eu ter tido a coragem de deixá-lo, achei que fosse uma encenação. Um disfarce para esconder seu ego ferido. Deus o livre de admitir a culpa.

Mas esta noite, ele ainda estava repetindo a mesma e cansada frase. Que não fazia ideia de por que eu tinha terminado com ele.

Talvez se a Amanda, a Jess e os namorados não estivessem do lado de fora da porta, agarrados a cada palavra acalorada nossa, eu o teria lembrado exatamente do que ele já sabia.

Se é que ele já sabia.

Será que ele realmente não tinha a menor ideia?

Bem, eu me lembrava de cada palavra. As mulheres se lembram das declarações que os homens usam para desprezá-las.

Ela não é mais virgem.

Eu me encolhi.

Anos depois, eu ainda me sentia suja. Nem mesmo Amanda e Jessica sabiam o motivo pelo qual eu havia terminado com Harrison. Eu simplesmente não tinha sido capaz de repetir. Manter as lágrimas escondidas das minhas amigas já tinha sido difícil o suficiente.

Eu estava apaixonada pelo Harrison.

E ele estava apenas matando o tempo com uma virgem local, esperando seu tempo durante o último ano até que pudesse ir para a faculdade.

O Harrison tinha que saber por que eu havia terminado. Se eu me lembrasse, ele também lembraria. O homem era tão irritantemente inteligente quanto lindo.

Suspirei, me revirando na cama pela centésima vez, caindo de barriga para baixo e abraçando um travesseiro. Que horas eram? Não havia relógio na mesa de cabeceira, mas a cada batida do coração, a meia— noite se aproximava.

Então eu estaria presa ao Harrison.

— Merda. — Essa cama não era grande o suficiente para nós dois.

Talvez eu devesse dormir no chão. Eu poderia me enrolar ao lado da fogueira, como se estivesse acampando.

Só que isso significaria dar ao Harrison a satisfação de vencer. Meu orgulho não permitiria isso. Um cavalheiro me deixaria ficar com a cama só para mim, mas eu já havia aprendido há muito tempo que, apesar da aparência que ele colocava sobre os olhos de todo mundo, Harrison não era um cavalheiro.

— Christopher, pare! — Amanda estava rindo histericamente da sala de estar. Era mais uma gargalhada, agora que ela provavelmente estava bêbada.

— O quê? Eu não estou fazendo nada. — Christopher deu uma risadinha. — Só estou tentando fazer carinho.

— Arrume um quarto. — Jessica deu uma risadinha. — Na verdade, vou seguir meu próprio conselho. Matthew?

— Essa é a minha deixa. Boa noite, pessoal. — Seus passos ressoaram no chão, como se ambos estivessem correndo para o quarto. Uma porta bateu. Então, as risadas vieram do outro lado da parede que compartilhávamos.

Ótimo. Meus amigos estavam prestes a fazer sexo, e eu teria que ouvir.

Peguei o travesseiro ao lado do meu — o travesseiro do Harrison — e o coloquei sobre minha cabeça. — Por que estou aqui?

O travesseiro não tinha uma resposta.

Por que eu estava aqui? Eu não queria fazer esqui cross-country. Amanhã, entre todos os dias. Eu já estava exausta, e estava aqui há apenas algumas horas. As aulas estavam recomeçando e eu precisava estar descansada para o meu último semestre.

Mais passos ecoaram do lado de fora da porta, provavelmente Amanda e Christopher desaparecendo em seu quarto.

Eu acordava todos os dias às cinco da manhã. Foi por isso que consegui fazer o acordo com Harrison para ficar algumas horas aqui sozinha. Meu despertador natural era exato.

Se eu acordasse amanhã antes de todo mundo, eu poderia simplesmente... escapar. Deixar um bilhete. Amanda e Jessica ficariam furiosas, mas eu não me importaria. Elas convidaram o Harrison sabendo muito bem que ele era o inimigo número um. Sim, ele era amigo do Matthew e do Christopher, mas mesmo assim.

Elas deveriam ter escolhido o meu lado. Ou não ter me convidado em primeiro lugar.

A porta se abriu com um rangido.

Congelei, meu coração se aproximando da garganta.

Ele deu um passo para dentro do quarto. Depois, outro. Meu corpo enrijeceu, sentindo-o perto da cama. Então o travesseiro foi arrancado da minha cabeça.

— Ei! — Eu me levantei.

— Isso é meu, — resmungou ele, voltando para a porta.

Por um breve e feliz momento, pensei que ele sairia do quarto. Que pegaria seu travesseiro e me deixaria em paz.

Não.

Ele ligou o interruptor de luz.

— Você se importa? — Apertei os olhos enquanto meus olhos se ajustavam, olhando quando ele jogou o travesseiro para o seu lado da cama. — Eu estava dormindo.

— Não, você não estava. — Ele foi até sua bolsa no chão, abrindo o zíper. Ele se curvou, pegando um estojo de couro antes de leva-lo para o banheiro adjacente, batendo a porta.

Meu lábio se curvou quando tirei as cobertas das pernas e fui até o interruptor de luz, deixando o quarto às escuras. Em seguida, me aconcheguei debaixo das cobertas, pegando o travesseiro do Harrison e colocando— o sob o lençol para formar uma barreira.

Eu mal tinha me acomodado de barriga para cima quando a porta do banheiro se abriu e Harrison voltou para a luz, acendendo-a. De novo.

— Harrison, — gritei.

— Anne.

Um arrepio percorreu minha coluna ao ouvir aquele tom profundo e rude. Não deveria ter sido sexy. Era apenas a voz de um homem, falando meu nome com um toque de rancor.

Mas era.

Lancei-lhe um olhar fulminante.

Ele fez uma careta de volta por cima do ombro, depois pegou a bainha da camisa, arrastando-a sobre a cabeça.

Meu queixo caiu. Felizmente, meu travesseiro o segurou.

Santo Deus, de onde vieram esses músculos? Não só sua voz havia amadurecido, mas era como se ele tivesse mudado seu corpo também. Harrison tinha sido forte no ensino médio, mas a massa que ele acrescentou aos braços, aqueles ombros largos, era de dar água na boca.

E os abdominais. Oh. Meu. Meu Deus. Os abdominais.

Jeremy não tinha um abdômen como aquele. Talvez se ele tivesse, eu não estaria tão chateada com as minhas fitas roubadas.

Eu estava babando na linha estreita da cintura de Harrison quando percebi que ele tinha parado de se mexer. Meus olhos se voltaram para os dele.

Ele estava sorrindo, aquele sorriso arrogante e irritante, com a camisa nas

mãos. — Você pode assistir. Não me importo.

— Cale a boca. — Eu me contorci, com o rosto enfiado no travesseiro para esconder minhas bochechas em chamas. Que merda.

O som de sua rica risada encheu o quarto e, droga, eu também gostava disso.

Foram os olhos dele que me fizeram apaixonar no ensino médio. E seu sorriso. Ele mostrou aqueles dentes brancos e retos, me prendeu com aqueles olhos azuis cristalinos e, antes mesmo que ele terminasse de perguntar se eu queria sair em um segundo encontro, eu disse sim, por favor.

Um zíper abriu. O jeans farfalhou.

Não olhe. Não olhe. Não olhe.

Abri um olho, bem a tempo de ver Harrison se curvar, tirando os jeans e as meias. Por que ele não podia ter uma bunda reta? Maldito seja ele.

Aquela bunda maravilhosa estava coberta apenas por uma cueca branca.

O Harrison da minha juventude era muito gostoso. Essa versão? Ele envergonhava o Harrison adolescente. Uma pulsação monótona surgiu em meu núcleo e, a cada segundo, parecia pulsar mais forte.

Eu deveria dividir a cama com esse homem. Ele seria capaz de me sentir contorcer? Será que ouviria meu coração acelerado?

Não. Eu reprimi um gemido.

Por que eu tinha que me sentir atraída por ele? Por que ele não podia ser como Christopher ou Matthew? Eles eram bonitos, mas, para mim, sempre seriam apenas os amigos do Harrison e os garotos que colocavam as mãos nas axilas no ensaio da banda do ensino médio para fazer barulhos de peido.

Harrison ficou de pé, passando a mão pelos cabelos escuros antes de esticar o braço para a luz. O movimento mostrou a definição ao redor de suas costelas, as depressões e os relevos que imploravam para serem tocados.

Não. Não, não, não, não. O que havia de errado comigo? Não haveria toque.

Fechei os olhos antes que ele pudesse me pegar olhando de novo, e então me arrastei para a beirada mais distante da cama enquanto ele apagava as luzes.

Harrison contornou a cama ao seu lado e puxou as cobertas para trás com tanta força que elas se soltaram de meus ombros. — Não fique com a colcha.

— Eu- — Antes que eu pudesse terminar meu protesto, fechei a boca com força.

Ele estava apenas tentando me irritar. Bem, eu não estava brincando, não mais. Eu o ignoraria pelo resto da noite e, amanhã, desapareceria antes do amanhecer.

Ele se jogou na cama, puxando o travesseiro que eu havia colocado entre nós. Ele chutou as cobertas. Puxou os lençóis. O colchão balançou — e eu também — enquanto ele se virava de costas para o estômago. Até que, finalmente, ele se

acomodou de lado.

Só que, ao contrário de mim, ele não estava virado para o lado de fora. Eu podia sentir seus olhos na parte de trás da minha cabeça. — Boa noite, querida.

— Já que você tirou o travesseiro que nos separava, saiba que se você encostar o pé no meu esta noite, eu o castrarei enquanto dorme.

— Não tenho vontade de tocá-la, Anne. — Não havia nem um pouco de provocação em sua voz.

Isso doeu. Por que isso doeu?

Provavelmente porque ele só me queria por uma coisa no ensino médio — minha virgindade — e agora que ele a havia conquistado, eu não era mais um prêmio.

Idiota.

Fechei os olhos, ignorando o cheiro picante e amadeirado dele que me invadia o nariz. O Harrison sempre teve um cheiro bom. Isso não havia mudado.

Mas ele não queria me tocar.

E eu não ia tocá-lo.

Soltei um longo suspiro, desejando que minha mente se desligasse. Se eu conseguisse dormir por uma ou duas horas, então eu voltaria para casa. Só que quando nosso quarto ficou silencioso, um leve baque veio do outro.

Um estrondo. Pancada. Ruído.

Levantei um cotovelo.

Pancada. Bate. Golpe.

A cabeceira da cama estava batendo na parede. Depois veio um gemido.

— Odeio meus amigos, — murmurei.

— Pelo menos alguém está se divertindo, — disse Harrison. — Quer dar uma chance? Em nome dos velhos tempos?

— Você é um porco. — Eu me movi em um instante, sentando-me e pegando meu travesseiro para bater em seu rosto. Isso me rendeu um resmungo enquanto eu caía para fora da cama, puxando a colcha do colchão.

Que se dane. Eu dormiria no maldito chão.

— Só estou brincando, Anne.

Eu o repreendi enquanto abria a porta e me dirigia para a sala de estar.

A risada de Harrison me seguiu até a lareira.

# CAPÍTULO QUATRO

## HARRISON

A torção em meu pescoço duraria para o resto de minha vida.

— Merda, — gemi, levantando-me para me sentar no chão. O cobertor sob o qual eu havia dormido caiu até a cintura. O frio da sala de estar picava meu peito nu.

Ao meu lado, restavam apenas algumas brasas na lareira, que brilhavam em tons de laranja em meio às cinzas pretas e cinzas.

Bocejei, olhando para as janelas. Ainda estava escuro lá fora, mas uma luz fraca estava começando a se infiltrar entre as árvores.

Minhas pálpebras estavam pesadas. Todos os músculos do meu corpo estavam rígidos. Peguei minha nuca, massageando a dor na base do meu crânio.

Ontem à noite, depois que Anne saiu furiosa do quarto, eu a ouvi remexer em armários e closets. Ela encontrou alguns cobertores extras e fez uma cama para si mesma em frente à lareira.

Esperei até que ela adormecesse em sua cama improvisada para me levantar e leva-la para a cama. Ela não se mexeu nem um pouco quando a acomodei na cama. Foi mais fácil assim. Sem olhares furiosos. Sem comentários maliciosos. Sem discussões.

Conhecendo Anne, ela poderia ter insistido em dormir no chão só para provar um ponto de vista.

Bem, pelo menos um de nós havia descansado um pouco.

Esse chão era duro como o inferno e os poucos cobertores que ela encontrou, eu tive que dividir, de cima a baixo. Quando deixei o rancho ontem, pensei em trazer meu saco de dormir. Deveria ter confiado em meu instinto.

Estalei o pescoço e depois esfreguei as têmporas. Ainda não havia amanhecido e eu precisava de um cochilo.

A porta do quarto se abriu em uma dobradiça barulhenta.

Anne estava de pé na soleira, com os cabelos escuros soltos e rebeldes sobre os ombros. Ela usava uma camiseta listrada em vermelho e branco que chegava até o meio da coxa. As mangas eram justas nos pulsos e o decote em V revelava um pouco de sua clavícula. Não era uma camiseta tão sexy, mas em Anne, poderia muito bem ser uma lingerie.

O sangue correu para a minha virilha, então mantive os cobertores sobre os joelhos, desejando ter pegado meu jeans no quarto.

— Você dormiu no chão, — disse ela, com a voz calma.

— Sim.

Ela baixou o olhar para os pés descalços. — Eu ia dormir aqui fora.

— Você dormiu. Por um tempo.

Anne olhou para cima, seus olhos azuis se fixaram nos meus enquanto ela estudava meu rosto. — Por que você fez isso?

— Você realmente acha que eu deixaria você dormir no chão enquanto eu dormia na cama? — Eu zombei. — Achei que você me conhecia melhor do que isso.

— Eu também achei que já conhecia você.

Talvez não tivéssemos nos conhecido de fato. A Anne que eu conhecia teria pelo menos me dado um motivo para terminar.

Ontem à noite, enquanto eu estava amaldiçoando este maldito chão, eu revi nosso relacionamento no ensino médio. E, assim como seis anos atrás, eu não tinha respostas.

Essa viagem foi ironicamente cronometrada. Anne havia terminado comigo na véspera do Ano Novo.

Seis anos, quase no mesmo dia.

Talvez tenha sido por isso que eu concordei com essa viagem. Porque quando Matthew me disse que Anne também estava vindo, eu quis vê— la. Talvez para encerrar o assunto que eu não tinha conseguido no último ano.

Anne entrou na sala de estar, envolvendo os braços em sua cintura. Em seguida, olhou para as janelas, vendo a neve acumulada além do vidro. — Brr. Está frio.

— Sim. — Fiquei de joelhos, colocando alguns pedaços de gravetos na fogueira. Quando estava em chamas, acrescentei um tronco, ouvindo-o estalar e crepitar.

Anne se sentou perto da lareira, juntando-se a mim no chão.

— Aqui. — Tirei o cobertor de minhas pernas e me levantei para coloca-lo sobre seus ombros antes de ir para o quarto e vestir o jeans de ontem. Depois, tirei uma camiseta branca limpa da minha bolsa.

Quando voltei para a sala de estar, Anne estava com as mãos no fogo.

Eu me aproximei e acrescentei mais uma lenha de madeira, deixando-a bem quente, depois me sentei novamente no espaço ao lado dela.

Sim, havia quatro cadeiras.

Mas aqui era mais quente.

O chão não era tão ruim.

— Obrigada pela cama, — disse ela, dando-me um pequeno sorriso.

Aquele sorriso dela foi o que me encantou no primeiro ano do ensino médio.

Eu estava em meu armário, prestes a ir para a aula, quando ela passou por mim. Ela me mostrou aquele sorriso, tímido e doce, e eu me apaixonei.

Eu conhecia Anne desde o ensino básico. Ela era dois anos mais nova, mas Quincy era pequena demais para não conhecer todas as crianças que circulavam pelos corredores. Ela sempre foi bonita. Tão bonita. Eu a tinha visto sorrir inúmeras vezes.

Mas algo naquele dia, perto do meu armário, naquele sorriso em particular, acendeu uma chama.

Eu senti falta daquele sorriso durante esses seis anos.

— E se eu tivesse ficado na cama? E se não tivesse vindo para cá? — ela perguntou.

— Eu estava a um minuto de deixar a cama para você, mas você me venceu.

— É mesmo?

Dei de ombros. — Eu só estava lhe dando uma lição.

— Por quê? Porque eu o abandonei no ensino médio? Foi esse o meu castigo?

— Talvez. — Eu sorrio. — Ou talvez eu apenas goste da maneira como suas bochechas ficam vermelhas quando você está brava.

Ela me encarou com um olhar fixo.

Eu dei uma risadinha. — Como você tem passado?

— Bem. Pronta para terminar a escola.

— Sim, eu me lembro dessa sensação. — Quando meu último ano na Montana State chegou, eu estava mais do que pronto para sair de Bozeman e voltar para Quincy. Voltar para o rancho.

Depois de obter meu diploma de bacharel, voltei para casa para trabalhar. Meu irmão, Briggs, não tinha muita vontade de assumir os negócios da família, mas nunca houve um momento em minha vida em que eu não quisesse assumir o lugar de meu pai.

Por isso, trabalhei para ele nos últimos dois anos. Ouvindo. Aprendendo.

— Você está de volta ao rancho? — ela perguntou.

— Estou.

— Esse sempre foi seu sonho.

— Ainda é. — Envelhecer cuidando da terra que estava no nome da minha família há gerações. Esse era o sonho. Talvez casar com uma bela mulher no caminho e construir um legado para nossos próprios filhos.

— Estou feliz por você, Harrison.

— Mentirosa.

Ela revirou os olhos. — Posso ficar feliz por você e também irritada por você, tudo ao mesmo tempo.

Essa mulher. Eu rio, balançando a cabeça.

Ela havia mudado. Tinha se tornado mais ousada. Mais atrevida. Parte de

mim desejava ter estado por perto nos últimos seis anos para testemunhar essa mudança.

— Então... Eu dormi no chão.

— Não espere minha piedade.

— Então, que tal uma explicação? Por que você terminou comigo?

— Você sabe o motivo.

Levantei a mão. — Juro por Deus, Anne. Eu não sei.

Ela me encarou por um longo momento, examinando meu olhar. — Sério?

— Diga-me. Por favor. — Naquele momento, quando eu estava no último ano do ensino médio, eu sabia que estava a poucos meses de ir embora e não tinha feito nenhuma promessa a Anne sobre o futuro. Mas sempre a tratei bem, não é mesmo?

— Fomos jantar no White Oak na véspera de Ano Novo, — disse ela.

— Eu me lembro.

Eu a peguei em sua casa, acenei para seus pais da minha caminhonete. Depois fomos jantar. Mas, em vez de eu leva-la para casa, a mãe dela veio busca-la. Provavelmente porque Anne e eu havíamos sido pegos no fim de semana anterior por estarmos transando do lado de fora da casa deles.

Ela estava agindo de forma estranha a noite toda. Mas toda vez que eu perguntava se ela estava bem, ela dizia que sim. Ela só ficou quieta durante nossa refeição. Imaginei que tivesse algo a ver com o fato de termos sido pegos e ela ter ficado de castigo a semana inteira.

No dia seguinte, eu queria surpreendê-la com um filme no cinema. Por isso, fui até a casa dela. Mas, em vez de começar o Ano Novo com um sorriso, ela abriu a porta e me disse para nunca mais falar com ela.

Fiquei chocado. Chateado. Magoado.

Aquela tinha sido a primeira — e última — vez que alguém tinha batido uma porta na minha cara.

— Quando minha mãe veio me buscar, você me acompanhou até o carro dela. Me deu um beijo de boa noite.

— Sim. — Durante o jantar, tentei convencê-la a sair pela janela do quarto e me encontrar à meia-noite para um beijo, mas ela não queria correr o risco de ser pega pelos pais novamente. Então, dissemos feliz Ano Novo e ela foi para casa.

— Esqueci meu cachecol no restaurante. Mamãe me levou de volta para busca-lo, mas não conseguiu encontrar um lugar para estacionar, então me deixou no final do quarteirão. Eu estava voltando e vi você parado ao lado da sua caminhonete, conversando com David Johnson.

— Certo, — eu disse. Não me lembrava de tê-la visto voltar. E não me lembrava sobre o que estava conversando com David.

— Você estava falando de mim.

Pisquei os olhos. Acho que já tinha minha resposta.

Que diabos eu havia dito?

— Ele lhe perguntou quando você iria terminar, — ela me disse. — E você disse que eventualmente.

— Bem... Eu estava indo embora.

— David disse que você estava monopolizando toda a boa boceta virgem. — Seus dentes se cerraram. — E você disse que ela não era mais virgem.

Eu estremeci. Que droga. — Em minha defesa, era verdade.

Anne me deu um tapa no ombro. — Você está brincando comigo?

— Me desculpe. — Levantei minhas mãos. — Sinto muito. Olhe, David queria você. Diabos, todos os rapazes queriam você. Você era a garota mais bonita da Quincy High e ele estava sempre atrás das garotas da classe média.

— Eww. — Ela se encolheu. — Isso ainda não é uma desculpa.

— Você tem razão. Não sei por que disse isso. Não sei por que não lhe dei um soco na cara. — Porque se um homem falasse assim da minha mulher agora, sim, ele teria levado um soco. — Eu fiz besteira. Ele não tinha nada a ver com isso, e eu não deveria ter dito nada. Você merecia mais do que isso.

Minha mãe também teria me dado um tapa se tivesse ouvido essa história.

— Oh. — Os ombros de Anne caíram, como se ela estivesse se preparando para uma discussão.

Eu lhe dei um olhar de lado. — É isso?

Ela levantou um ombro. — Você também esqueceu meu aniversário.

— Esqueci? — Quando diabos era o aniversário dela?

— Sim. Você era meu namorado e se esqueceu do meu aniversário.

Ops. O Harrison do ensino médio não tinha ganhado muitos prêmios de namorado. — Você chegou a me dizer quando era seu aniversário?

— Estávamos namorando há quase um ano.

Isso não era bem uma resposta, mas havia um tom na voz dela. Um tom que eu tinha ouvido na noite passada. E eu realmente não estava com vontade de brigar antes de tomar um café.

— Bem, você sabe quando é meu aniversário? — perguntei.

— Três de abril.

— Oh. — Droga. Eu não esperava uma resposta. Ou que ela se lembraria depois de seis anos. — Em minha defesa...

Anne me lançou um olhar mais frio do que os blocos de gelo pendurados nos beirais da cabana.

— Em minha defesa, eu nunca fui bom em coisas como essa.

Suas narinas se inflamaram.

— Sim, essa desculpa soou muito melhor em minha cabeça, — murmurei. —

Que tal outro pedido de desculpas? Desculpe.

A raiva desapareceu de sua expressão, seus ombros caíram. — Eu tinha dezesseis anos. Estava convencida de que você era o amor da minha vida. Então você se esqueceu do meu aniversário e disse àquele cretino do David Johnson que ia acabar comigo e que eu não era virgem.

Eu merecia que aquela porta fosse batida na minha cara. — Sim, eu estraguei tudo.

— Obrigada. — Ela suspirou, virando-se para olhar para o fogo. As chamas dançavam em seus olhos azuis e iluminavam seu rosto.

Eu poderia ter ficado ali por horas, olhando para seu perfil, mas o café me chamava, então me levantei e fui para a cozinha preparar um bule.

Anne ainda estava no chão, ao lado da lareira, quando voltei com duas canecas fumegantes.

— Feliz aniversário, — eu disse.

Seu rosto se voltou para o meu, com a boca entreaberta. — Como você sabia?

Entreguei-lhe uma xícara e usei a mão livre para tirar a carteira de motorista dela do bolso de trás da calça. — Roubei isso de sua bolsa.

Talvez Amanda e Jessica soubessem que era seu aniversário e tivessem trazido suprimentos para um bolo. Talvez um ou dois presentes. Elas não haviam mencionado isso ontem, mas eu com certeza esperava que sim.

— Você demorou bastante. — Anne deu uma risadinha, tirando sua carteira de motorista da minha mão.

E eu me recusei a piscar, não querendo perder um segundo de seu sorriso.

# CAPÍTULO CINCO

## ANNE

Meus pulmões estavam pegando fogo. Minhas pernas queimavam. Dentro do casaco e da calça de esqui, minha roupa de baixo longa estava grudada na pele, e havia vapor saindo da minha cabeça encharcada de suor.

— Por que eles estão indo tão rápido? — Eu ofegava, olhando para a trilha à frente, onde Amanda, Jessica e seus namorados estavam esquiando em um prado em um ritmo intenso.

Nos primeiros trinta minutos dessa trilha, eu tinha me esforçado muito para acompanhar o ritmo. Mas estava a segundos de vomitar meu café da manhã na neve. Se eles fossem muito mais longe, havia uma grande chance de terem de me carregar de volta para a cabana.

— Você está bem? — perguntou Harrison, olhando por cima do ombro.

Coloquei as mãos nos joelhos, deixando os bastões pendurados ao lado do corpo pelas presilhas nos pulsos. — Vocês vão na frente. Eu os alcançarei. — Ou não.

Ele se virou, dando um passo largo com seus esquis, e se arrastou para o meu lado.

— Odeio esqui cross-country, — confessei, com a respiração ofegante enquanto inspirava, tentando acalmar meu coração acelerado.

— Então por que você veio em uma viagem em que o esqui cross-country era o evento principal?

— Para me torturar?

— Em seu aniversário?

Fiquei de pé e dei de ombros, vendo minhas amigas se distanciarem cada vez mais. Alcançá-las ia doer. E muito. — Achei que seria um passeio agradável e tranquilo. Não uma maratona.

Harrison deu uma risadinha. — Esses caras saem quase todo fim de semana. Não é fácil manter o ritmo.

— Você não parece estar tendo nenhum problema, — murmurei.

Suas bochechas estavam coradas, mas mais pelo frio do que pelo esforço. Ele não estava sem fôlego nem suando muito. Não, ele estava perfeito nesse dia

invernal, vestindo um macacão preto para neve com uma faixa estreita amarela nas laterais. Seu gorro preto de lã tinha uma aba que protegia seus olhos do sol.

— Você quer voltar para trás? — ele perguntou.

Abri a boca para dizer que não, que pegaríamos o grupo e que eu sobreviveria, mas uma nova onda de exaustão invadiu meus ossos. — Sim, — admiti.

Ele se virou, emitindo um assobio agudo no ar de inverno.

Nossos amigos pararam, olhando para trás.

— Estamos voltando! — ele disse.

Christopher levantou um bastão de esqui no ar, sinalizando que tinha ouvido a mensagem.

— Você não precisa vir comigo, — eu disse. — Você pode continuar.

— Não me importo, — disse ele. — Não vou fazer você sofrer sozinha no seu aniversário.

Já era a décima vez que ele falava do meu aniversário, como se agora que ele sabia a data, estivesse determinado a nunca mais esquecer.

Amanda e Jessica se lembraram e trouxeram os ingredientes para fazer um bolo mais tarde. Amanda havia tricotado um novo gorro para mim — atualmente em minha cabeça suada. E Jessica me deu dois livros novos — o último romance de Stephen King e The Shell Seekers, de Rosamunde Pilcher, que acabara de ser lançado e que eu estava querendo ler.

Os presentes e o bolo foram especiais. Mas foi a atenção de Harrison que mais me agradou hoje. No café da manhã, toda vez que eu olhava em sua direção, seus olhos estavam atentos.

Ele parecia genuinamente arrependido esta manhã quando conversamos sobre o passado. Talvez essa atenção dele fosse a maneira de se redimir.

E talvez eu tenha sido um pouco dramática. Para roubar sua frase...

Em minha defesa, que garota de dezesseis anos não era dramática?

Acima de tudo, eu estava feliz por termos esclarecido as coisas. Agora, da próxima vez que eu o encontrasse em Quincy, não seria nada constrangedor.

— Quando você volta para a faculdade? — ele perguntou, nós dois deslizando suavemente com nossos esquis, arrastando-nos para a esquerda, depois para a direita e depois para a esquerda novamente.

— Amanhã. Vou para casa, arrumo minhas coisas e depois vou para Missoula. As aulas recomeçam na segunda— feira.

— O que você está estudando?

— Administração.

— Você gosta?

Dei de ombros. — Não tem problema. Eu gosto da faculdade. Algumas aulas

são mais desafiadoras do que outras.

— E o que você vai fazer depois da formatura?

— Sem perguntas difíceis em meu aniversário, por favor.

Ele sorriu, com os olhos alegres.

Deus, ele realmente era demais, não era? Foi difícil desviar o olhar, mas forcei meu olhar para a vista.

Esse era um lugar lindo. O prado era abraçado por altas árvores perenes, com seus arcos cobertos de branco da tempestade da noite passada. A neve estava fresca, cobrindo o chão e brilhando sob o sol. Mas o cenário era insignificante em comparação com o homem ao meu lado.

Provavelmente era bom que eu fosse embora amanhã. Antes que eu fizesse alguma besteira, como beijar aquela boca pecaminosa.

Eu havia pensado em sair hoje de manhã, seguindo meu plano da noite passada. Mas Amanda e Jessica estavam tão empolgadas por eu estar aqui no meu aniversário — e por Harrison e eu não estarmos mais brigando — que eu fiquei.

No momento, mesmo suada e cansada, não me arrependi.

— Não tenho certeza do que quero fazer depois da formatura, — eu disse a ele.

— Você vai ficar em Missoula?

— Talvez. Gosto do meu emprego. Trabalho como contadora em um pequeno hotel. Os proprietários são um casal adorável. Eles são muito gentis, embora um pouco desorganizados. É por isso que estou lá. Mas não é o emprego dos meus sonhos. Não sei se tenho um emprego dos sonhos.

— Você vai encontra-lo.

— Possivelmente. Mas, estranhamente, não me importo se não encontrar. — Eu não precisava de grandes realizações ou elogios por minhas conquistas. Eu estava feliz por simplesmente estar... feliz por estar feliz.

— Você voltaria a morar em Quincy? — ele perguntou.

— Sim. Se eu conseguisse encontrar um emprego, eu me mudaria para casa. — Durante o Natal, eu havia procurado anúncios de emprego nos classificados. Não havia muitas vagas abertas no momento, mas eu continuaria procurando.

Quincy era minha casa. Ficar mais perto da minha família, dos meus amigos, seria bom. Claro, eu tinha amigos em Missoula, mas depois da formatura, a maioria deles estaria indo embora para trabalhar. A única pessoa que ficava era o ladrão de fitas Jeremy. Valeria a pena me mudar só para não ter que correr o risco de ver seu rosto novamente.

— Então, o que você quer fazer quando voltarmos para a cabana, aniversariante? — perguntou Harrison quando nos aproximamos de um monte de árvores.

— Tomar um banho. Uma ducha longa e quente.

— Eu gosto de duchas longas e quentes. — A insinuação escorria de seu tom.

A imagem de nós dois juntos, eu enrolada em seu corpo forte e musculoso, passou em minha mente. Uma pulsação floresceu em minha mente. Uma pulsação surgiu em meu núcleo. Felizmente, meu rosto já estava corado ou ele saberia exatamente o que eu estava pensando.

Dei uma olhada de relance em seu perfil, observando o suave beicinho de seus lábios. Será que ele teria o mesmo gosto que tinha quando éramos mais jovens?

Harrison tinha sido meu primeiro tudo. Ele me ensinou sobre o prazer. Sobre deixar de lado minhas inibições. A aceitar o que eu desejava. Essa foi uma lição poderosa para uma jovem de dezesseis anos. Ele estabeleceu o padrão para todos os futuros amantes e, até agora, todos falharam de forma espetacular.

Como seria depois de todo esse tempo? Pior? Melhor?

Por que eu estava curiosa? Harrison e eu mal tínhamos feito as pazes — o que éramos? Não éramos mais inimigos. Mas éramos amigos? Bem, não éramos amantes. Então, por que eu estava pensando em sexo?

Empurrei minhas pernas com mais força, acelerando o passo para voltar à cabana. Assim que chegamos, tirei os esquis, deixando— os na traseira da minha caminhonete, entrei e me tranquei no banheiro, precisando de alguns momentos longe de Harrison para organizar minha cabeça.

Uma ducha morna deveria ter ajudado, mas a água tépida não fez nada para esfriar o fogo em minhas veias e, quando abri a porta do quarto, com o cabelo penteado, mas molhado, encontrei Harrison agachado ao lado da lareira, sem seu equipamento de neve e com uma cerveja na mão.

— Quer uma? — Ele levantou a garrafa.

— Hum, claro. Eu posso pegar. — Fui até a cozinha e peguei uma cerveja na geladeira. Bebi metade dela antes de ir para a sala de estar, sentando-me na cadeira o mais longe possível dele.

— Acho que vou tomar um banho também. Você se importaria? — Ele apontou para o quarto. Meu quarto. Onde havia uma cama. Uma cama aconchegante. E, em breve, um Harrison muito nu.

Nossa! — Não, hum, vá em frente.

— Você está bem?

— Ótima, — disse eu, com muita alegria.

— Desculpe por não ter um presente de aniversário para você.

— Tudo bem. Não é como se você soubesse que era hoje. — Eu deixei isso de lado. Embora eu pudesse pensar em um presente que ele poderia me dar.

Um orgasmo.

Minhas bochechas se inflamaram.

Ele estudou meu rosto, com o pomo de Adão balançando, como se pudesse ler meus pensamentos. Em seguida, engoliu com força antes de limpar a garganta, dando um leve sacudir de cabeça enquanto saía da sala de estar.

Só que, em vez de desaparecer no quarto, ele parou na soleira da porta, olhando para trás. — Anne...

— O quê? — Eu respirei.

— É, uh... nada. — Ele balançou a cabeça novamente. — Não importa.

Prendi a respiração, esperando que ele se retirasse para o quarto. Mas ele ficou ali, com os olhos voltados para um ponto invisível entre nós. Seus ombros e braços estavam tensos, com os músculos salientes sob a camiseta.

Meu olhar percorreu sua coluna vertebral, até a curva de sua bunda naqueles jeans, o emblema de couro Wrangler no bolso traseiro.

A pulsação em meu núcleo vibrou por todo o meu corpo.

Oh, como eu queria o Harrison Eden.

Mas não me levantei da cadeira. Esperei, observando-o, enquanto ele permanecia parado naquele lugar.

Ele passou a mão em seus cabelos escuros, fazendo-os se erguer em ângulos estranhos. Em seguida, deu um passo em direção ao quarto.

O ar saiu de meus pulmões. Foi alívio? Ou decepção?

Decepção. Definitivamente, decepção.

Talvez ele pudesse sentir isso do outro lado da sala. Talvez ele fosse tão fraco quanto eu. Porque, em um momento, ele estava indo para o chuveiro e, no momento seguinte, estava vindo em minha direção.

— Que se dane. — Ele atravessou a sala de estar, direto para a minha cadeira. Suas mãos mergulharam em meu cabelo, os calos de seus dedos roçando minhas bochechas.

Então ele colocou sua boca sobre a minha.

E Harrison tinha um gosto melhor do que eu me lembrava.

# CAPÍTULO SEIS

## HARRISON

Porra, mas a Anne tinha um gosto doce.

Deslizei minha língua contra a dela em um redemoinho preguiçoso, recebendo um gemido silencioso. O fogo corria em minhas veias, e a vontade de tirá-la daquelas roupas era quase paralisante. Meu controle estava por um fio, então, antes que eu fosse longe demais, afastei minha boca, fixando meu olhar no dela. — Diga-me para parar.

Ela se levantou da cadeira, ficando na ponta dos pés para sussurrar em meus lábios: — Não pare.

Graças a Deus. Eu a abracei, colocando minha boca sobre a dela, minha língua mergulhando em cada canto, saboreando aquele gosto doce.

As mãos de Anne foram para o meu peito, suas mãos se arrastando sobre o algodão da minha camisa, subindo pelos meus peitorais, depois descendo pelo meu estômago, tentando chegar à braguilha da minha calça jeans, mas eu a segurava muito perto.

Eu queria sentir seu gosto, memorizar sua boca, antes de passar para outras partes de seu corpo.

Eu havia dito a ela antes que tinha feito besteira. Sim. Não ter lutado mais por ela seis anos atrás tinha sido um grande erro. Um erro que eu consertaria hoje.

Ela correspondeu à minha intensidade, batida por batida, beijando— me com o mesmo desespero, como se tivesse se esquecido de como tínhamos sido bons juntos.

Era bom. Muito bom mesmo. Melhor do que eu me lembrava.

Meus dentes mordiscaram o canto de sua boca. Minhas mãos foram para a bunda dela e a apertaram. Minha língua se agitou contra a dela, um movimento que me rendeu um gemido e um pequeno sorriso.

Ela sempre gostou desse movimento, especialmente entre suas pernas.

— Quarto, — respirei contra seus lábios, mal quebrando o beijo.

Nós nos arrastamos juntos, com nossas bocas unidas, até que passamos pela porta o suficiente para que eu pudesse fechá-la com um chute. Em seguida, eu a girei, mantendo meus braços presos, enquanto nos deitava na cama.

Suas pernas compridas se abriram, seus quadris abraçaram os meus enquanto

eu pressionava minha excitação contra seu núcleo. A respiração de Anne ficou presa enquanto eu balançava meu pau contra sua boceta, o jeans de nossas calças acrescentando um pouco de fricção, mas não era suficiente. Eu precisava de mais. Precisava de pele e de sua boceta apertada.

Então, levantei a bainha de sua camiseta, arrastando-a pelo estômago. Em seguida, libertei um seio de seu sutiã, puxando a taça para baixo para colocar minha boca sobre um mamilo, chupando com força.

— Harrison. — Ela sibilou, agarrando a bainha da minha camiseta, tentando puxá-la.

Soltei seu mamilo com um estalo, depois passei a mão por trás do pescoço para puxar a camiseta por cima da cabeça. — Até onde você quer levar isso? Sem arrependimentos. — Se ela quisesse apenas brincar, beijar e esfregar um no outro, eu pararia quando ela dissesse chega. Mas se ela quisesse um ou dois orgasmos, eu ficaria feliz em ser o homem que os proporcionaria.

Seus olhos se suavizaram. — Você costumava me perguntar isso.

— Hã?

— Antes de fazermos sexo, você sempre me perguntava até onde. — As pontas de seus dedos tocaram o cabelo em minha têmpora. — Gosto do fato de você ter mudado. Mas que você também... não mudou.

Beijei o canto de sua boca, depois desci para arrastar minha língua sobre o mamilo descoberto. Seus seios estavam mais cheios do que na época do ensino médio. Sua pele estava mais macia. Seus gemidos mais melódicos. — Quero saborear cada centímetro desse corpo.

— Sim. — Ela se arqueou em minha boca. — Eu quero tudo. Eu quero você.

Meu peito se contraiu quando me levantei, mergulhei em seus olhos. Deus, ela era deslumbrante. Tão perfeita que era difícil respirar.

Algo estava acontecendo aqui, algo que parecia muito com o futuro. Algo muito sério para se preocupar no momento.

Então, afastei esses sentimentos e me levantei da cama, passando a mão por trás de seus joelhos para arrastar sua bunda até a borda do colchão. Depois, soltei o botão da calça jeans dela, abrindo o zíper e tirando a calça de suas pernas. Elas caíram com um estrondo enquanto eu tirava a calcinha dela, jogando-a por cima do ombro.

— Droga, você é perfeita. — Fiquei de joelhos, espalhando uma trilha de beijos pela parte interna de sua coxa.

O corpo inteiro de Anne tremeu. — Harrison.

Em outro dia, outra noite, eu a torturaria um pouco. Provocá-la até que ela implorasse por minha boca. Mas hoje, eu estava desesperado demais, então alisei minha língua e a arrastei por sua boceta excitada.

— Oh, Deus, — ela gritou, colocando a mão sobre a boca.

Eu não me importava se todos os outros voltassem do esqui e nos ouvissem. Um gosto da boceta de Anne e eu gritaria do alto das montanhas que ela era minha.

Suas mãos chegaram ao meu cabelo, passando pelos fios mais longos no topo, prendendo— me a ela enquanto eu lambia novamente. Depois, passei a língua por seu clitóris. — Porra, querida. Seu gosto é tão bom.

Ela murmurou enquanto eu a lambia.

— Você sentiu falta da minha língua, não sentiu?

— Sim, — murmurou ela, apertando mais os meus cabelos.

Peguei seu outro seio, arrancando a taça do sutiã para enrolar o mamilo entre o polegar e o dedo, enquanto a fodia com a língua.

Todos os dias. Eu me banquetearia com essa mulher todos os dias se ela me deixasse.

— Harrison. — Ela balançou os quadris, cavalgando meu rosto. — Eu quero você dentro de mim.

Sem chance. Primeiro, eu queria que ela gozasse em meu rosto.

Suas pernas começaram a tremer, então peguei seus joelhos, abrindo-os bem e mantendo-os separados. Em seguida, agarrei seu clitóris e chupei. Com força.

As costas de Anne se arquearam na cama e seu grito ecoou pelo quarto.

Passei a língua novamente, alternando entre lamber e chupar, até que todo o seu corpo estivesse tremendo. Depois recuei, endireitando-me apenas o suficiente para ver o êxtase em seu rosto. — Sua boceta é tão doce.

— Não pare. — Seus seios balançavam, seus olhos estavam selvagens. — Por favor.

Eu sorri, depois me abaixei novamente, tomando— a em minha boca. E, dessa vez, não parei. Acrescentei um dedo, deslizando para acariciar suas paredes internas enquanto chupava seu clitóris. Com a outra mão, segurei sua perna, prendendo-a até que seus músculos se contraíram, seus calcanhares se cravaram na borda da cama e os dedos dos pés se curvaram.

— Eu... — Esse foi o único aviso antes que ela gozasse em um grito, gozando em minha língua e se contraindo em volta do meu dedo.

Continuei com ela, sem parar até que a pulsação diminuísse. Quando seu corpo finalmente caiu na cama, eu me levantei e procurei minha carteira no bolso. Peguei um preservativo, abri o zíper da calça jeans e a joguei no chão. Então, quando já estava coberto, levantei Anne, que estava sem fôlego, e a coloquei mais para cima na cama.

Ela abriu os olhos, dando-me um sorriso sexy enquanto abria as pernas novamente, abrindo espaço para meus quadris. — Não me lembro de sua língua ser tão talentosa.

— Minha língua sempre gostou de você. — Estendi a mão entre nós para segurar meu pau e arrastar a ponta pela boceta excitada dela. — Meu pau também. Vamos ver se é a mesma coisa.

Anne abriu a boca, provavelmente para me dar uma provocação, mas eu empurrei fundo, roubando seu fôlego.

— Porra. — Cerrei os dentes, reunindo cada grama de restrição para não gozar. Droga, ela era apertada. Ela se encaixava em mim como uma luva.

— Oh, Deus. — Suas mãos chegaram aos meus ombros, as unhas cravadas em minha pele enquanto ela se esticava ao meu redor. — Mova-se.

Eu me inclinei, prendendo minha boca em seu pescoço, depois me afastei antes de penetrar de novo, provocando outro grito daqueles lábios bonitos.

— Eu esqueci. — Sua voz estava tão baixa que eu mal conseguia entender as palavras. Talvez eu não as tivesse ouvido, mas eu estava pensando a mesma coisa.

Eu me esqueci.

Tinha me esquecido de como éramos bons juntos. Mesmo quando éramos adolescentes desajeitados, aprendendo um sobre o outro, éramos bons.

Mas isso...

Sem dúvida.

Anne se agarrou a mim enquanto eu nos unia, impulso após impulso, até que ela se contorceu embaixo de mim e a pressão na base da minha coluna chegou ao auge. Ela apertou o lábio inferior entre os dentes, ofegou e depois gozou.

— Oh, droga, — rosnei, o orgasmo dela provocando o meu.

Manchas brancas surgiram em minha visão, um rugido veio do fundo do meu peito, totalmente desenfreado e bruto. Meus membros tremiam enquanto a liberação me atingia como uma onda gigantesca, golpe após golpe, até que fiquei inerte e caí nos braços de Anne.

Ela me envolveu com força, com as pernas em volta dos meus quadris.

Nossos batimentos cardíacos dispararam. Nossas respirações eram irregulares. Nossa pele estava pegajosa de suor.

— Uau. — Ela exalou e depois riu.

Como foi que você passou seis anos sem rir e nem se deu conta disso?

— Querida. — Eu me virei de costas e a levei comigo, puxando-a para o meu peito. — Estamos ferrados.

— O que você quer dizer com isso? — Ela se sentou, com os olhos apertados enquanto colocava uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Minha mão foi para sua bunda nua. — Seis ou sete?

Anne piscou os olhos. — Seis ou sete, o quê?

— Crianças.

Ela se sentou ainda mais ereta, forçando-nos a interromper nossa conexão. —

Espere. O quê? Não vamos ter filhos. Usamos preservativos.

— Não vamos ter filhos hoje. Mas, eventualmente, eu gostaria de ter filhos. Você não quer?

Anne abriu a boca. Fechou-a. Abriu-a novamente.

Eu me apoiei em um cotovelo, sorrindo enquanto tirava mais cabelo de seu rosto. — Você disse que não tinha planos para depois da faculdade.

— Eu não estava esperando que você resolvesse esse problema para mim.

— Você vai voltar para Missoula amanhã, — eu disse, mais para mim mesmo do que para ela. Talvez eu pudesse me afastar do rancho em alguns dias. Talvez na quinta-feira, se eu conseguisse que um dos ajudantes me cobrisse. O mais provável é que fosse na sexta-feira. Mas de jeito nenhum eu passaria mais de uma semana sem ela.

— Sim, — disse ela. — E você está indo para casa em Quincy.

— Irei vê-la no próximo fim de semana.

— Harrison...

— Isso é bom. Muito bom. Você já experimentou algo melhor?

Ela suspirou. — Não.

— Temos que dar uma chance a isso.

— Você está falando de crianças. Isso é mais do que uma chance.

— Se tudo der certo, então sim. Por que não? Você terminará os estudos. Voltará para casa em Quincy. Nós vamos nos casar. Vamos nos divertir muito fazendo sete filhos.

Ela fez aquela coisa de abrir, fechar e abrir a boca novamente. — Você está louco?

Droga, ia ser divertido provoca-la pelos próximos cinquenta anos.

— Você tem razão. — Esfreguei meu queixo, lutando contra um sorriso. — Sete é demais. Vamos ter apenas seis.

Quer conhecer os seis filhos de Anne e Harrison? Mergulhe na série The Edens com Indigo Ridge.